


PELA PRESTAÇÃO

Rubem Braga

Foi sabado . Sentei-me à máquina para escrever a crônica diária e fiquei vagamente à procura de um assunto . Pensei minhas coisas , olhei os jornais ; havia um ou dois assuntos topaveis , mas nenhum me dava muito apetite . Distraí-me lendo uns anúncios ; depois fiquei olhando os livros na estante , meio aborrecido , pensando pela centésima vez que preciso arruma-los e que com certeza seria melhor jogar fora mais da metade . Como tenho livros ruins ! Depois olhei um quadro na parede e fiquei imaginando com quem eu teria deixado , um ano atrás , um monte de reproduções compradas na Itália . Sumiram . Estão com alguém que não me lembro mais quem possa ser - e que positivamente também não se lembra de me avisar nada . Tenho a pinta do eterno pobre : perco tudo .

Essas tristes idéias foram interrompidas pela consideração de que era preciso escrever a crônica . Era preciso . E então me veio de repente esta pequena idéia sedutora : não escrever . Uma idéia bastante honesta , pensei para tomar coragem . Afinal não estou com vontade de escrever nada e , definitivamente , não tenho nada de interessante , neste momento , para dizer a ninguém . O melhor , portanto , é ficar calado . Não tenho - como se dizia , com tanto pedantismo , tempos atrás - qualquer mensagem para transmitir aos meus contemporâneos . Para que aborrece-los com frases vãs ?

Isso pensava o Braga honesto ou , talvez , preguiçoso . Mas o outro , o pai de família e profissional da imprensa obtemperava que minha obrigação é fazer uma crônica todo dia . Isso , afinal , é a base de minha vida .

O cronista diário é , antes de tudo , um diarista . Se deixo de fazer uma crônica , por preguiça ou por doença ou seja pelo que fôr - perco aquele dinheiro . Posso escrever ano após ano . Se falho um dia perco um dia . Não entro em folha em nenhum jornal ; não tenho direito a férias , nem a gratificação , nem a estabilidade nenhuma . Se sofrer um acidente ou uma doença e levar cinco dias sem poder escrever - perco um sexto do meu ganho mensal . E se morrer , minha família terá direito 

a ... relêr minhas crônicas .

Estou fora de toda a engrenagem das leis sociais . Minha única lei é sentar todo dia à máquina e bater página e meia . E no dia seguinte encontrar com o leitor que , segundo seu bom ou mau humor , seus pontos de vista políticos ou sentimentais , seu espírito de porco ou seu espírito de anjo , acha que aquilo estava muito engraçadinho , ou pergunta o que há comigo que ando tão triste , ou me acusa de anarquista ou de reacionário , ou dá a entender que estou mesmo decadente ou me felicita - o que , afinal , é divertido , mas horripelmente monótono .

Alguns , mais gentis , me perguntam quanto tempo levo para escrever uma crônica . Respondo que meia hora , e estou mentindo . Leva-se mais de 24 horas por dia para escrever uma crônica . Em 20 ou 40 minutos bate-se a coisa à máquina ; mas para compo-la li os jornais , andei , senti , fui infeliz , pensei coisas velhas , fui à infância e voltei . Para escrever esta crônica de hoje , certamente melancólica e vulgar , foi absolutamente necessário que eu trabalhasse quasi vinte anos . Sem isto não chegaria a este tom . Ora , direis que o tom não presta . Desculpai - e ide para o diabo que vos carregue , porque se falho hoje novamente não posso pagar a prestação da máquina , meus queridos senhores .

.X.X.X.